



ESTANTE DO CÔRO DO CONVENTO DOS PAULISTAS.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

JANEIRO, 31, 1857.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

ESTANTE DO CORO DO CONVENTO
DOS PAULISTAS.

A escultura em madeira, o officio de entalhador, e todos aquelles que mais ou menos directamente estão em relação com a marcenaria florecem de ha muito em o nosso paiz, com justos louvores para as pessoas que se empregam n'elles. Raro será o convento onde hoje entremos que os olhos não admirem, guardados n'estes depositos, variados e elegantissimos primores d'arte manufacturados por mãos nacionaes. As cadeiras do coro do mosteiro de Nossa Senhora de Belem, onde a variedade do ornato rivalisa com a perfeição do seu desempenho, fazem pasmar o estrangeiro curioso que visita estes restos das nossas passadas grandezas, e muitas outras não somenos maravilhas ha por ahi como entregues ao esquecimento por falta de memoria que avive a sua justa celebridade.

Pela nossa parte vingamos hoje este desleixo estampando um d'esses primores na obra de marcenaria. É a estante do coro da igreja dos Paulistas, onde actualmente se acha a parochia de Santa Catharina. Os olhos fallam á intelligencia, como o discurso falla á alma para a percepção dos objectos; e assim é que a nossa gravura, representando fielmente este de que tratamos, nos dispensa de mais ampla descripção.

VINGANÇA POR VINGANÇA.

II

O ORATORIO DE ALDONSA PERES.

Continuação.

Algum tempo havia que assim estava entregue as suas devoções, desfogando com Deus sua alma e cuidados; tão enlevada em suas meditações, que nem se apercebeu de que a porta da casa do oratorio se abria, alguém entrara, e ajoelhara mui subtilmente um pouco atraz d'ella.

Mas como a porta não ficara cerrada, e o vento continuasse lá fora a soprar com violencia, penetrando ali, fez vacillar a luz das velas, e repentinamente as apagou.

A luz da lampada tremia agitada tambem pela força do vento, e reflectindo seu ténue clarão sobre as colossaes figuras estampadas nos pannos de raz, estas pareciam mover-se, e destacar-se da parede, para irem ter com Beatriz.

A donzella ergueu a cabeça e assustou-se. Estendeu uma das mãos para aquellas figuras, que a visão lhe mostrava caminhando, como para as fazer parar em sua marcha; e comprimindo com a outra o coração, soltou um ai, co-

mo quem se arrancava violentamente a uma terrível agonia.

— Que tens, Beatriz? lhe perguntou meigamente a pessoa que se ajoelhara, pouco antes, a alguns passos d'ella.

— Tu ahi, Simão!?... Eu t'o agradeço, se não finava-me de medo. As luzes extinguiram-se ali: aquellas figuras pareciam mover-se para mim; o corpo tranziu-se-me de medo; o espirito está acabrunhado de tão encontrados pensamentos!... Mas porque vieste, Simão?... Como te achas aqui tão inesperadamente?

— Nem t'o sei dizer, Beatriz!... Uma força estranha, desconhecida, impellia-me a voltar a casa de tua mãe antes de ir para a minha poisada... Tinha tanto que te dizer!... Era mister fosse hoje mesmo... Se o espacera para amanhã, encontrar-me-hiam morto, pois o coração arrebatava-me.

— Simão!

— Sim, Beatriz. Não te quero occultar nada... Estava esta tarde tão feliz, quando me dizias que do mesquinho bem que fiz a Vaz Gil nos houvera vir ventura!... Tão feliz, Beatriz!... tão feliz, que nem tenho fallas para t'o expressar... Olha: batia-me o coração tão satisfeito como agora... vê...

E pegando na mão da donzella, que sem repugnancia lh'a abandonara, a levou ao peito; e depois de ahi a ter poisada um instante, continuando a apertal-a entre as suas, seguiu dizendo:

— Sonhava então um mundo de delicias, e um paraíso na terra!... De repente a entrada d'aquelle padre gelou-me todo o sangue nas veias... Uma nuvem mais negra que o seu habito, correu-me por diante dos olhos, e immergiu-me em trevas!... Diz-se tanta coisa da Companhia de Jesus!... É tão fallada a sua avareza!... Seus planos são tão complicadamente urdidos nas trevas, que ao virem á luz do dia já não ha traças de lh'os desmanchar. Tremo...

— Fallas, primo, com a sabedoria de um livro. Ahi está a causa da vaga inquietação que hei sentido, e a mim propria não podia explicar... Oh!... se a minha herança é o que elles cubiçam, pois tenho voz de muito rica...

— Tal não é o que me arreceia, Beatriz. Essa deixara-a eu ir: dera-lh'a de boa vontade, e tambem tu, se elles se não aventurassem a mais.

— Então que mais?

— A tua mão, Beatriz!... esta mão que tão contente agora aperto entre as minhas!

— A minha mão, sem me consultarem o coração! Isso nunca, Simão; disse a donzella, erguendo-se com um ar altivamente soberano. Isso nunca.

— A Companhia tem taes embustes... tua mãe é tão fragil... sua consciencia tão timorata...

— Que levem embora a minha herança, porém a minha mão!... Aqui a tens, Simão...

Dou-t'a para a vida e para a morte; e tomo por testemunha a Virgem que nos ouve; e ao Crucificado, que ali está n'aquella cruz, rogo abençoe os laços formados, aqui, em sua presença... Espera um pouco, Simão. Dei-te fallas de minhas promessas: é mister que te faça entrega de um penhor da minha fé.

E levada d'aquella agitação febril que a animava, correu á banquetta, acendeu todas as velas, tirou um finissimo anel de ouro de um dos cordões que se enfiava ao pescoço da imagem da Senhora Sant'Anna, e ajoelhando outra vez com seu primo ante o oratorio:

— Por Deus, e pelos anjos aqui tens, Simão, (acrescentou enfiando-lh'o no dedo) o anel de esponsaes dado por tua esposa. Trouxe-o sempre, como te lembrás, até á hora do fatal passamento de meu pae: quando os fatos de dô não consentiam usal-o; aqui o depusitei, á espera se terminasse o anno. Agora é teu.

Simão beijava as mãos de sua prima, sobre as quaes, de quando em quando, ia cair-lhe uma lagrima das muitas de reconhecimento que lhe borbulhavam nos olhos.

— Sim. . . precisava essas fallas, Beatriz, para me aquietar esta alma, mais revolta que o mar em tempestade. . . precisava essas tuas fallas para crer em Deus, pois quasi já ia descrendo. Acalmou-se o vendaval em que me ia naufragando. Deus ouve-nos, Beatriz, e minha alma se condemne, se não fôr sempre digno de ti; se te desamparar ou trahir.

A casa estava brilhante de luz, que se ia reflectir nos resplendores de prata, fazendo fulgurar as finissimas pedras dos adereços, como se fossem estrellas a luzir no firmamento.

Até as figuras dos pannos de raz, que tanto pavor acabavam de incutir a Beatriz, agora lhe pareciam sorrir-se e animal-a; tanto é certo que o estado da alma concorre para embellezar os objectos que nos circundam!

Mesmo a historia de Jacob e Rachel parecia tecida ali, n'aquelle momento, sobre aquelles pannos, para apontar ao amante o exemplo da constancia do santo patriarcha, e á moça desposada as alegrias, e as promessas, feitas por Deus á sua futura geração!

Beatriz e Simão santificavam os mutuos juramentos que acabavam de fazer-se, repetindo com o rei propheta um dos seus hymnos de alegria, tão santamente narrado no psalmo xxxiii.

« Abençoarei sempre o Senhor; e o seu louvor andarâ continuamente em minha bocca. »

O terço havia acabado. Todos que na rua tinham assistido a elle eram recolhidos já a suas casas; e as adufas fechando-se a pouco e pouco, cerravam-se com as usuas despedidas das boas noites, trocadas de umas casas para as outras entre os seus moradores.

A da casa de Aldonsa Peres fôra uma das ultimas a fechar, porque Marianna distinguira en-

tre as vozes do terço uma, que lhe era conhecida, e estava espreitando quando essa pessoa se recolhia a casa.

Aldonsa Peres, inquieta pela inopinada volta do sobrinho, apesar do que se não atrevera a interromper o terço para indagar-lhe a causa, dirigiu-se ao oratorio, onde bem presumiu que encontraria sua filha e seu sobrinho.

Empurrando a porta ficou extremamente enleada, vendo aquelles dois anjos assim ajoelhados, rezando no livro dos psalms.

Deu interiormente graças a Deus por permitir que a sua familia fosse tão piedosamente religiosa, e cada vez se louvava mais em ter entregue a direcção espiritual ao padre mestre Gaspar, a quem a boa velha attribuia o fervor e devoção com que sua casa se exemplificava.

Chegavam os dois amantes ao *Redimet Dominus animas servorum suorum* (o Senhor resgatará a alma dos seus servos) quando presentiram que sua tia os escutava.

Repetiram o ultimo versiculo com uma entonação tão cheia de esperanza, tão repassada de confiança, que a boa mãe, alheia ao sentido que os dois amantes ligavam áquellas palavras, correu a abraçar sua filha pela unção com que as pronunciara.

Simão ergueu-se rapidamente, não sem primeiro cruzar com sua prima um olhar de intelligencia.

N'esse momento aquelles olhos expressavam mais do que quantas palavras pudera proferir. Significavam o juramento por uma eternidade.

Tambem nos olhos de sua prima brilhava um fulgor tão estranho, que o proprio Simão se encontrava mais fascinado que nunca. Amor, ternura, fidelidade e constancia, todos estes sentimentos se lhe confundiam n'alma n'aquella doce languidez, que, de instantes a instantes, relampejava com a expressão energica d'esses actos voluntarios que não podem terminar senão com a vida.

— Talvez abusasse, minha tia, disse o mancobo voltando-se para esta; mas tomei sobre mim uma liberdade que, se culpada, somente eu deverei pagar por delinquente. Os rapazes do almazem desejavam ir cantar os Reis. Tal lhe permitti; fechei o almazem, e vos trago as chaves, porque só amanhã veem por ellas.

— Não! Não! Pobres rapazes!... É preciso que tambem tenham um dia de folguedo. O genero humano deve regosijar-se quando os anjos do ceo dão signaes da sua alegria, e na mesma terra os potentados venha conduzidos de tão longe a Bethlem, só por uma estrella que os guia, e a fama do nascimento de um Deus Menino! Lembra-me bem que ainda no anno passado o padre mestre Gaspar me disse: — « Os magos viram o Homem Deus, prostraram-se na sua presença, adoraram-no, e lhe offereceram por presentes ouro, incenso e myrrha. Pelo ouro reconheciam-no seu rei; pelo incenso prestavam homenagem á sua divindade; pela myrrha hon-

ravam a sua humanidade.» Assim é que a Igreja explica os mysterios de amanhã.

— Absolvido, pois, minha tia, agora só me resta retirar. Eis as chaves, que amanhã virei por ellas.

E, entregando-lh'as, beijou reverente a mão de sua tia, e saudou sua prima.

Simão Rodrigues morava no largo dos Escudeiros, que era ahi diante do Poço do Borratem.

— Olha, Simão, lhe disse sua prima, não desças pela *rua da Pella* a entrar pelo *arco da Porta da Palma*; segue por cá direito a *S. Domingos*, inclina ao *Hospital de Todos os Santos*, e vae descair em tua casa. A hora já vae tarde, a noite está bastante negra, o transito aqui por cima é mais acompanhado.

— Sim, prima, respondeu Simão, já com um pé fora da porta. Boas noites.

— Boas noites... até amanhã.

— Até amanhã, se a Deus aprouver.

E effectivamente seguiu o caminho que sua prima lhe indicou.

Ouviu em varios pontos cantar os Reis. Pareceu-lhe que todos n'aquella noite estavam como elle satisfeitos.

Em tudo isto reparou, mas deixou de notar que apenas saíra de casa de sua tia um vulto o seguia, parecendo espional-o.

Continua.

NATAL EM MAFRA.

I

As santas memorias,
No berço embaladas,
No leite da infancia
Nascidas, creadas;
São lume perenne,
Brilhante, solemne,
Que o tempo, mais vivo
No peito reflecte:
Impulso, que activo
Recresce na idade;
Jucundo, sem riso,
Se triste, sem dôr,
Sentir indeciso
De tanta saudade,
Ternura, e amor...
Oh! salve, bemvindas
Memorias da infancia;
Tornadas mais puras,
Visiveis, seguras,
Se cresce a distancia.
Um anno, que passa,
Lhes dá nova graça:
Um raio celeste,
De novo lhes veste.
No longe da vida
A mente arrefece,

Memorias esquece.
Só tu, doce crença,
No peito embalada,
És sempre lembrada.
Oh salve, bemvinda
Memoria da infancia;
Feliz consonancia
De maga isenção.
Que vozes modulem
Sonora canção;
Que, mil instrumentos
Accordes accentos,
Em breves momentos,
Os sons, que s'ouviram
Apenas ouvidos,
Em eccos são idos,
Que nascem, expiram.
Só tu, mais gentil,
Memoria infantil,
Da vida n'aurora,
Vibrando sonora,
Tu vaes d' hora a hora,
Mais pura e crescida,
Se mais repetida.
D'eterno condão
Teu germen fecundo
A flor, que no fundo
Do peito — em botão
Criara uma vez;
Embora, o revez
De negra procella,
Cruel a combata;
Refulge viçosa,
Se mostra mais bella.
Que, em mar d'infortunio
Melhor se retrata,
Ao som da tormenta,
Melhor se acalenta;
Campêa, mais forte,
Nas raias da morte.

II

É noite benta. Agora mesmo, ao longe
D'alegre sino, o som festivo escuto.
É noite benta; — exulte a humanidade,
Em galas troque seu pesado luto.

Alto, sacro mysterio, hoje adoremos.
Celeste aurora de brilhante luz
Cobre o ceo do Oriente: — eil-a remida
A especie humana, que nasceu Jesus.

A nobres, a plebeus, a todos cabe
Na dadiva do ceo, equal quinhão.
Precedencias, no affecto, — essas consente
Infinita Bondade; — as outras não.

E já, de modos mil, o pobre, o rico,
No burgo humilde, na cidade altiva,
Aqui, por entre o fausto, ali desculto,
Mostram amor, que o peito lhes captiva.

III

E as portas, de par em par,
Abre o templo, a hora dada.
E o sino, logo a chamar,
Seus alegres sons tangendo,
A hora não costumada.
— Até o sino vigia,
Não dorme n'aquelle dia.
E todo o povo christão,
N'essa noite, a essa hora,
Como se um ente, só fôra,
Ouve do sino o pregão,
Annuncio da Redempção;
Que o mesmo sentir em todos
Acorda no coração.
— E já, na casa, ou na igreja,
Tributos d'adoração,
Por todos rendidos são.
E pobre ermida, que seja,
Lá se vê no seu altar,
Limpa toalha, que alveja,
Mais viva luz, a brilhar;
E vozes, que juntas soam
Em seu devoto cantar.
Canto rude, por singelo,
Por leal, — não menos bello,
Que, a melodia perfeita,
Essa, que só Deus acceita,
E toda em vozes, que são
Nascidas do coração.
O crime d'ingratidão,
Hoje — abençoada noite!
Não ha peito, onde se acoite.
Já, cultos d'adoração,
Por todos rendidos são. . . .

IV

Por todos... errei — não! — onde ora habito
Do magestoso templo, as ferreas portas
Nem descerradas foram! Em silencio
Jazeu, — qual cemiterio, a horas mortas.

Nas celsas torres, onde a cruz é tope,
Nem um som festival s'ouvira — ao menos.
De pagode infiel, torres dissereis,
Profanos minaretes serracenos.

Do — Magnanimo Rei — padrão eterno,
Solemne voto a Deus, que o mundo espanta;
Lume, de viva fé, — um só não vira,
Nada o silencio ingrato lhe quebranta!

Aqui, — sacro recinto, onde s'enfeixam
Galas, riquezas mil — prodigios d'arte,
Nem um som! Como sordido avarento,
Que, se mais oiro tem, — menos reparte.

Lá — na visinha aldêa, humilde, pobre,
Tudo, em festa pernoita: alegre sôa
Da singela garrida, o crebro toque,
Votivo som d'amor, que ao ceo revôa.

Murta fragrante, — ali — por entre a urze,
Humilde, embora, a crença reflorece;
Rosa soberba — aqui, — faltou-lhe a seiva,
N'haste pendida jaz, — amarellece.

— Ao gigante, onde a pompa os thronos junta
Dos reis de ceos, e terra, — hoje, rural
Modesta capellinha exemplos tece,
Vergonha eterna ao luso Escurial!

Dezembro de 1856.

J. DA C. CASCAES.

MEMORIAS HISTÓRICAS.

Continuação. *

(1392)

Completamos os excerptos que emprehendemos fazer do *Itinerario* de Lintschoten, e que já publicámos a paginas 394, 402, e 410 do volume antecedente, com a relação que o viajante hollandez faz do estado em que estavam as ilhas açorianas n'aquella epoca.

*Descripção das sete ilhas dos Açores ou Flandricas. Nomes. Terceira, cabeça de todas. Bahía d'Angra. Monte Brazil. Columnas d'onde os naturaes da ilha dão signal dos navios que se avistam. Fortalezas. Villa da Praia na ilha Terceira. O terreno da ilha fertil em cereaes. Abundancia de peixe e carne. Fructos Batata. Descripção da junca com cuja raiz enchem colchões. Commercio principal do pastel. Canarios (aves). Inverno Rochedos da Terceira, que produzem vinhas. Presidio de hespanhoes. Admiravel maneira de conservar os cereaes. Os bois na Terceira dão lucro. Solo concavo. Frequentes tremores de terra. Fontes quentes. Fonte que muda o pau em pedra. Cedro. Madeiras varias. Madeira de teixo. Presidiarios hespanhoes da Terceira. João Hugo avista a ilha. Esboço da cidade d'Angra por João Hugo. Molestias da Terceira. Vehemencia dos ventos Villa da Terceira. Commercio dos insulares. Ilha de San-Miguel fertil em pastel. Ilha de Santa Maria. Ilha Graciosa. Ilha de S. Jorge. Cedro. Ilha do Fayal. É tomada pelos inglezes. Os belgas cultivam a ilha do Fayal. Ilha do Pico. Monte altissimo. Muito excellentes pomos de oiro (laranjas). Flores e Corvo.

«As ilhas dos Açores, ou Flandricas, são em numero de sete, a saber: Terceira, S. Miguel, Santa Maria, S. Jorge, Graciosa, Pico e Fayal. As outras duas, Flores e Corvo, não se comprehendem no nome d'Açores, postoque hoje se assignem nove ilhas debaixo d'um só e mesmo governo. Chamam-se Açores, pela multidão d'estas aves, que ali se encontrou quando foram descobertas, e de cuja especie hoje nem uma só apparece. Chamam-se tambem Flandricas dos flamengos, porque foram elles os primeiros habitantes da ilha do Fayal, e ainda hoje ali existem familias de individuos semelhantes aos flamengos pelo rosto e pelo cabello, e mesmo no logar em que habitam ha uma torrente que se chama *Ribeira dos flamengos*!

«A cabeça de todas as ilhas é a Terceira, que vulgarmente se chama ilha de Jesus Christo da Terceira. Abraça uma extensão de quinze ou dezeseis leguas, e o seu solo é muito al-

(*) Do num. 52 do vol. antecedente.

to e povoado de rochedos, de modo que se julga invencível, cingida de toda a parte d'uma como muralha natural, que é supprida por fortes baluartes nos logares onde falta. Não tem porto ou enseada conveniente para resguardar os navios. Comtudo diante da cidade d'Angra o mar entrando pela terra em forma de meia lua ou de abra aberta, forma uma especie de porto. D'aqui vem o nome á cidade, da abra aberta, ou em meia lua, que os portuguezes designam pelo vocabulo *Angra*. D'uma parte, para onde se estende como um cotovelo tem dois montes chamados *Brãzil*, que saem ao mar, com tal configuração, que vistos de longe parecem separados da ilha. São por tal forma altos, que em dia sereno se podem avistar de quinze leguas de distancia. Aqui estão duas columnas de pedra das quaes o vigia dá signal á ilha dos navios que chegam. Os que vem da parte occidental ou austral, a saber d'uma ou outra India, do Brazil, de Guiné, de Cabo Verde e outros logares, são assignalados por bandeiras que se içam na columna occidental, e se são mais do que cinco, indicam-se por maior bandeira, e ao som de trombeta. Pela bandeira içada do mesmo modo na columna oriental se conhecem os navios que vem de Portugal, e outros logares orientaes ou septentrionaes, visto que estas columnas pela sua altura se avistam de toda a cidade, de maneira que não ha novidade alguma no mar, que logo se não saiba por toda a ilha. Tambem por todos os montes que avistam o mar, estão collocadas eguaes vigias, que dão signal ao governador e generaes da ilha, para que não soffram algum prejuizo. Ao pé do mencionado monte Brazil está situada uma fortaleza em frente d'um outro castello, para defensão da supradita enseada, e para que navio algum saia ou entre sem licença dos castellos.

«A cidade d'Angra, metropolitana das ilhas, e tambem cabeça das outras dos Açores, brilha muito pela honra de cathedral, pela autoridade do governador e tribunaes judiciciaes. D'esta cidade para o nordeste, distante tres leguas, está a chamada Villa da Praia, por ser a sua posição á borda do mar. É pouco frequentada do commercio porque não tem porto, e não é procurada dos navios senão em occasião de mau tempo, para ali depositarem os seus generos, que são depois levados a Angra. É cercada de muros, soffrivelmente construidos, menos populosa, e habitada por lavradores. O campo visinho é fertil de cereaes. Alem d'isto o resto da ilha, que é muito aprasivel, tem muito trigo e vinho. Não podem comtudo exportar este ultimo, por ser inferior, e de pouca força, e por isso é bebido pelo povo, visto que as pessoas ricas usam vinhos da Madeira e Canaria. Ha grande abundancia de peixe, carne, animaes, e outras coisas necessarias, que abundam para o consumo da ilha. Somente azeite, é que fazem uso do que vem de Lisboa. Da mesma sorte ca-

rece de sal, panellas, pratos, vasos de barro e outros utensilios semelhantes. Produz fructos; ha abundancia extraordinaria e quasi milagrosa de pecegos de varias especies. As cerejas, ameixas, nozes, e castanhas em pequena quantidade, porém as maçãs, peras, laranjas, limões, etc. abundam. Dá em certo e determinado tempo do anno todas aservas e plantas, como couve, rabano, etc. Cresce aqui debaixo da terra um fructo principal e singular, semelhante ao rabano e outras raizes. As ramas são de forma da planta de vinha, porém de folhas diferentes, e acamadas pelo chão. Os fructos a que chamam *batatas* são do peso de libra, mas, de pouco valor ali, servem de excellente alimento ao povo. Tem mais merecimento em Lisboa, porque na Terceira a abundancia lh'o diminue. Vê-se aqui um outro fructo (*junça*) semeado á maneira de trigo, que cresce da raiz ou das folhas d'uma herba semelhante á *gramma*, de forma quasi espherica, como ervilha. Tem gosto muito agradável parecido ao da castanha, e é de mais dura casca. N'outras regiões tem grande valor: aqui pela abundancia deita-se aos porcos. Acha-se n'esta ilha, a cada passo, uma planta d'altura d'homem, que não dá fructo, mas somente uma raiz molle e loira, como fios de oiro, tão branda como seda: serve aos naturaes da ilha para encher colchões, em lugar de pennas ou de lã. Algum curioso (assim o julgo) poderia facilmente fabricar d'esta materia algum tecido. O principal genero de commercio que aqui vem buscar os inglezes, escocezes e francezes é o pastel, que usam nas tintas, que trocam por pannos e outras mercadorias. Mas o commercio foi ha pouco interdito aos inglezes. A ilha não tem muitas aves silvestres. As que chamam *canarios* voam por toda a parte em grande numero, por isso muitos passarinheiros se occupam n'esta distracção. Tambem tem muitas codornizes e aves domesticas, gallinhas africanas, etc. Ninguem aqui se dá á caça, porque a terra somente alimenta alguns coelhos. De peixe ha no tempo de verão grande abundancia. D'inverno o mar não é muito comodo para pescar. Nos mezes de Janeiro, Fevereiro, Março, Abril, e mesmo em Setembro, ha horriveis tempestades. A mesma terra montuosa, em muitos logares deserta, cheia d'arvores e mattos, não offerece commodos caminhos. De toda a parte saem rochas agudas como bicos de diamantes, que podem cortar os pés dos viajantes. Estas rochas estão plantadas de vinhas, que no tempo de verão as cobrem com densas folhas. É admiravel ver como se fixam as raizes entre as pedras, até á maior altura. Nos campos e planicies não cresce a vinha, mas folga entre as pedras onde dá mui grande lucro. A terra plana, que ha em muitos logares, principalmente junto á Villa da Praia, é mui abundante em trigo e pastel. Por isso os ilheos não carecem d'importar trigo do estrangeiro, senão em annos de grande esterilidade, posto-

que, além dos habitantes, quatorze companhias de hespanhoes, se alimentam d'elle a título de defender a terra. O que porém é admiravel é que os trigos e outros fructos da ilha não duram além do anno em perfeito estado. Os que restam corrompidos no fim do anno não tem valor algum. Para que, pois, preservem o trigo, guardam-no os habitantes debaixo da terra por espaço de quatro ou cinco mezes. Para este effeito cada cidadão abre, n'um certo largo ou praça um poço redondo, tirada a terra com pequeno trabalho, deixando-lhe uma abertura por onde a vontade pode descer um homem, e com uma tapadoira onde se inscreve o nome do dono. D'esta forma cada um guarda na sua cova o trigo que tem, depois da ceifa em Julho, e coberto com terra e com a tapadoira o conserva até o tempo do Natal. Então todos os habitantes o tiram inteiro e são, por partes, só aquelle de que querem usar, deixando o resto no mencionado poço. Passado o tempo em que se gastou o outro, este que desenterraram dura por todo o resto do anno em cestos ou cabazes de canna, sem nenhuma necessidade de lhes tocarem. Tiraram tambem os insulares grande lucro dos bois, que pelo tamanho dos cornos, pela sua belleza e qualidade excedem muito os bois da Europa. Todos tem um nome proprio, e chamados por elle pelo dono quando passam em rebanho, aproximam-se.

Continua.

JOSÉ DE TORRES.

ESTUDOS SOBRE A HISTORIA SAGRADA.

Continuação.

CIDADES E CASAS.

As cidades que os hebreus tiraram aos canaueus foram as suas primeiras habitações fixas. Eram bem edificadas e fortificadas. As que se reputavam mais importantes estavam situadas em alturas. Cingiam-as com dupla, e ás vezes triplice muralha. Guarneciam-as de seteiras, e torres de espaço em espaço, circundadas de fossos profundos, que lhes defendiam o accesso.

As ruas não eram calçadas; porém havia um cuidado immenso em as conservar aciadas.

Tinham uma immensidade de edificios publicos e templos. N'estas cidades, os unicos logares notaveis eram a porta, e o mercado. A primeira por ser o sitio onde se administrava justiça; e era este o motivo porque sobranceiro a porta havia um edificio, ou collocado ao lado. O segundo, que não era distante da primeira, servia para as assembleas do povo, e para a venda dos generos. Eram uns pateos mui grandes, cercados de porticos e galerias cobertas, onde os mercadores armavam as suas barracas, e os estrangeiros passavam a noite, quando não encontravam quem lhes desse hospitalidade; porque as

albergarias eram raras n'aquellas epochas, e muitas cidades havia que as não tinham.

A belleza das casas consistia mais no completo da sua configuração e afeição e travagem das pedras do que nos seus ornamentos. Empregavam um cuidado extremo para que as pedras ficassem bem unidas, perfeitamente a prumo. Revestiam internamente as casas mais ricas com madeiras de cedro ou de cypreste. Estas madeiras serviam egualmente para columnas e hobreiras.

Os tectos eram horisontaes, e em vez de telhados calcava-se a terra, da mesma forma que o que se chama hoje taipa, afim da chuva não penetrar. Havia uma lei que obrigava a circundar estes terraços com um parapeto sufficiente a obstar que alguém fortuitamente se precipitasse.

Serviam estes terraços ou plataformas para passeiar; e muitas occasiões havia em que ali comiam, e dormiam. Tambem nas epochas de alarme ali se refugiava a gente da casa, e servia de muito para quem bradasse por socorro, pois mais facilmente assim era ouvida de longe.

N'aquelles tempos não era conhecido o uso das chaminés. Acendia-se um brazeiro no centro da casa, e ao redor d'elle se sentava a familia para se aquecer. Cosinhava-se a comida n'uma especie de fornos.

As janellas eram fechadas com barrotes como uma especie de grades. As portas fechavam-se por dentro com tranças de pau ou de metal, e pesados ferrolhos.

Tanto na frente, como aos lados dos edificios ou casas de habitação havia umas galerias cobertas, nas quaes os criados e os escravos tinham um abrigo e commodo agradável. Estas galerias communicavam-se entre si, e com o edificio por tal arte que para o serviço domestico não era de receiar a intemperie da estação.

POPULAÇÃO.

A fertilidade da *Terra da Promissão* (que hoje está reduzida a miseraveis aldeas, terras incultas, e ruinas) pode calcular-se pela multidão dos seus habitantes. Quando os hebreus entraram n'este paiz eram mais de seiscentos mil os homens que podiam pegar em armas, a contar dos vinte annos até aos sessenta. Junte-se a este numero as mulheres, as creanças, os velhos, os escravos, os naturaes do paiz que não foram exterminados, e sem falhar o calculo teremos uma população de tres milhões d'almas.

Depois este numero augmentou muito. Passados os dezeseis annos que se seguiram á morte de Josué, n'uma guerra que as onze tribus declararam á de Benjamin, esta, que era a mais pequena de todas, poz em pé de guerra vinte e cinco mil homens. O resto do povo ainda constava de quatrocentos mil. Saul apresentou duzentos mil homens contra os amalecitas, quando os

exterminou. David tinha effectivamente em armas doze corpos de vinte e quatro mil homens cada um, os quaes serviam por mezes, o que fazia o total de duzentos e oitenta e oito mil homens. No recenseamento a que procedeu no fim do seu reinado, encontrou-se com um milhão e trezentos mil combatentes. Josaphat, um dos seus successores, apesar de não possuir senão o terço do reino de David, teve em armas um milhão cento e sessenta mil homens, sem contar as guarnições das praças.

Os hebreus (e n'este caso todas as nações antigas) dirigiam toda a sua politica a favorecer a população. — «A multidão do povo, disse Salomão, é a gloria do rei, e o pequeno numero de vassallos a vergonha do principe.» Por isto se applicavam á cultura do paiz. Procuravam facilitar os casamentos, e tornar sadias as suas cidades; ter o povo robusto e na abundancia; e finalmente sacar da terra tudo quanto ella podesse produzir.

Este era o motivo porque desde a mais tenra infancia exercitavam os filhos no trabalho, inspiravam-lhes o amor do paiz, a reciproca união, e a subjeição as leis.

Não tinham só no paiz trigo e cevada, vinho, azeite, e mel; tambem cultivavam toda a casta de fructos, n'uma prodigiosa quantidade. Todo o terreno era aproveitado, e por isso poucos bosques possuíam. Parques e jardins era raro vê-los. Nos campos nutriam numerosos rebanhos, que no leite e na carne lhes forneciam metade das subsistencias. Viviam, como se pode colligir, uma vida simples e frugal.

CASAMENTOS.

Havia liberdade nas allianças entre todos os israelitas. Por isso se podia tomar mulher n'uma das suas differentes tribus, excepto quando as raparigas eram as herdeiras, por falta de varões. N'este caso não queria a lei que os bens d'uma tribu se confundissem com os da outra. Até mesmo se admittiam casamentos com as estrangeiras, no caso de ellas se converterem ao verdadeiro Deus. Exceptuava-se unicamente um povo — o de Canaan.

Os casamentos não eram acompanhados de nenhuma cerimonia religiosa. Não se offereciam sacrificios n'esta occasião; não se ia ao templo; não se chamavam para elles os sacerdotes. Tudo se passava entre os parentes e os amigos. Era rigorosamente um contracto civil.

Os esposos, magnificamente paramentados, e com corôas que eram o symbolo da alegria, recebiam a benção do chefe da familia, que orava sobre elles acompanhado de todos os assistentes, e lhes desejava numerosa posteridade. Eram conduzidos depois ao som de instrumentos musicos, levando o cortejo palmas e ramos de murta. Os esposos tinham consigo um certo numero de homens, aos quaes se chamava os amigos do esposo; e o mesmo acontecia com a mulher que era

acompanhada de igual numero de raparigas, e se denominavam as companheiras da esposa. As nupcias duravam sete dias, sempre em continuados festejos.

Como as mulheres eram muito laboriosas, o casamento entre os hebreus servia mais de allivio que de peso. Longe de receiarem ter filhos, desejavam-os; e até olhavam como uma honra o seu grande numero. Eram felizes aquelles que se viam á frente de uma numerosa posteridade. A vida frugal que passavam cooperava muito para sustentarem uma grande familia.

Quando os filhos eram pequenos pouco lhes custava nutril-os, e menos ainda vestil-os, porque nos paizes quentes quasi sempre andam nus; quando já crescidos ajudavam os paes no trabalho, poupando-lhes assim escravos, ou criados a soldada. As ambições do chefe da familia eram deixar aos seus descendentes a herança recebida de seus paes, melhor cultivada, e mais augmentada em rebanhos.

Este desejo de ter muitos filhos induzia os israelitas a terem ao mesmo tempo muitas mulheres, o que era simultaneamente uma honra, e signal de grandeza. Além das mulheres eram tambem permittidas as concubinas, que ordinariamente se tomavam na classe das escravas. As esposas de primeira classe a unica dignidade que tinham sobre as ultimas era fazerem herdeiros os seus filhos. Por este motivo a concubinagem não era uma devassidão, como hoje; era um casamento menos solemne.

A virgindade era então uma virtude pouco conhecida, e reputavam-se infelizes ou desgraçadas as mulheres que morriam sem ter tido esposo. A mulher casada era opprobrio a esterilidade, que se julgava uma maldição de Deus.

Este amor da posteridade era o fundamento da lei que determinava ao irmão que desposasse a viuva de seu irmão, quando elle morria sem filhos. Deshonrava-se faltando a este dever de piedade, cujo fim era obstar a que o nome do defunto caisse em esquecimento. Assim os filhos eram-lhe attribuidos por uma especie de adopção.

Nos hebreus, assim como se permittia a pluralidade de mulheres se consentia o divorcio. Unicamente os homens podiam repudiar as mulheres, porém com certas formalidades, sendo uma das principaes dar-lhes um documento escripto, e authenticado por um escriba ou official publico autorizado pelo governo. A esposa repudiada podia casar-se com outro homem, porém nunca mais se podia ajuntar com aquelle que a demittira de si.

Continua.

A.

Se as apparencias dos homens nos levam a amal-os: o vero conhecimento d'elles conduz-nos a odial-os.

A ignorancia torna-se fatua e orgulhosa, quando é condecorada com os graus academicos.